

ÍNDICE

INTRODUÇÃO de Mark Mazower	9
1. A origem de uma obsessão	17
2. O dossiê de Dimitrios	29
3. 1922	41
4. O Sr. Peters	59
5. 1923	75
6. <i>Carte postale</i>	93
7. Meio milhão de francos	113
8. Grodek	127
9. Belgrado, 1926	143
10. Os Oito Anjos	167
11. Paris, 1928–1931	183
12. <i>Monsieur C. K.</i>	207
13. <i>Rendez-vous</i>	227
14. A máscara de Dimitrios	245
15. Uma cidade desconhecida	259

INTRODUÇÃO de Mark Mazower

A Máscara de Dimitrios é a criação de um escritor no auge das suas capacidades. Este livro, saturado do desespero de um mundo em rápida decadência, é também o manifesto de um novo tipo de romance policial, uma bomba destinada a rebentar com o género tradicional de modo tão decisivo como as cinquenta toneladas de TNT que mandaram pelos ares o depósito de Silvertown, em 1917, um acontecimento presenciado por Eric Ambler, então com oito anos — foi a maior explosão jamais ocorrida em Londres. Este livro parece ter sido escrito ontem, com os seus narcotraficantes balcânicos, os seus empresários euroasiáticos corruptos e os seus refugiados andrajosos que vagueiam pelo continente. Na verdade, deslocando-se entre Londres, Paris e Nova Iorque, Eric Ambler terminou a escrita na primavera de 1939, quando os nazis entraram em Praga. No entanto, embora a ameaça da guerra seja uma constante e as intrigas internacionais confirmam tensão ao ritmo acelerado do enredo, a verdadeira ação decorre alhures, nos esforços de um inglês ingénuo por descartar os valores provincianos da sua terra natal e aceitar a dura realidade do mundo do outro lado do canal da Mancha. Enquanto os ingleses jogam críquete nos relvados banhados pelo sol, a ação decorre em hotéis baratos e bares de baixa condição com nomes como La Vièrge Sainte-Marie e Le Kasbah, com personagens como Grodek, Marukakis, Madame Prevenza e o sinistro Sr. Peters — os verdadeiros indicadores da «civilização em desaparecimento» que é a Europa.

O herói, Charles Latimer, é esboçado com a frugalidade característica de Ambler: é um ex-professor de uma pequena universidade e ganha a vida a escrever policiais à moda antiga. Contudo, tal como o próprio Ambler, tem curiosidade acerca do mundo, precisa do sol e do Mediterrâneo, e sente-se atraído pelo desconhecido. Será uma coincidência que o catalisador das suas investigações, o cortês coronel Haki, tenha um nome evocativo da palavra que, em turco, significa «verdade» (*hakk*)? Este oficial da polícia kemalista, cansado do mundo que o rodeia, pede a Latimer a sua opinião sobre o manuscrito de um livro policial da sua lavra, e o que lhe oferece em troca desencadeia a viagem de Latimer ao coração das trevas da Europa: a realidade sob a forma do cadáver inchado de um homem chamado Dimitrios estendido numa mesa de autópsias de uma nauseabunda morgue de Istambul. À medida que o curioso Latimer segue o périplo criminoso de Dimitrios, surgem as dúvidas; as interrogações e as perguntas vão-se acumulando, e pouco depois ele próprio começa a ser seguido.

Ambler escreveu o livro sem ter visitado os Balcãs, mas o texto é tão seguro que parece que o fez. À falta de melhor, frequentou cafés turcos de baixa condição nas ruelas escondidas de Nice, onde os refugiados lhe contaram as suas histórias num francês macarrónico — e ele escutou-os seguramente com muita atenção. Os *émigrés* neste livro viram muita coisa e não estão para grandes conversas: relatam a sua via-sacra, mas sem muitos pormenores. «Odessa, 1918. Istambul, 1919. Esmirna, 1921. Bolcheviques. Exército de Wrangel. Kiev. Uma mulher à qual chamam “Carniceira”». Londres é um longínquo porto de abrigo do outro lado do mar, e a poeira ainda está a assentar depois do desabamento do Império Otomano e da guerra civil na Rússia. Os refugiados e os vigaristas ensinam ao ex-professor as suas duras verdades de trapaças e violência. A polícia enterra as suas declarações nos arquivos, ciente das suas falsidades. As fichas indexadas do funcionário público são uma ficção: nomes e datas mudam a troco de algumas notas de banco. Os burocratas internacionais falam grandiosamente do combate ao tráfico de drogas e de mulheres, mas

o verdadeiro poder reside noutro lado e a esperança de um mundo racional e benigno é uma ilusão. A violência — homicídios, limpezas étnicas, golpes militares, guerras — é uma constante no livro, mas não é o maior problema, é antes o dinheiro e o que os homens estão dispostos a fazer por ele.

Latimer descobre rapidamente que por detrás dos homens armados e dos espíões está o misterioso Banco de Crédito Euroasiático, que aposta nos mercados financeiros e faz lucros colossais com o tráfico de heroína. A grande finança internacional, acima da Esquerda e da Direita, puxa os cordelinhos. Um desconhecido aconselha Latimer a aceitar a vontade do Ser Supremo: os assuntos dos homens são determinados pelo acaso, às vezes são necessários atos desagradáveis e o melhor é aceitar tudo estoicamente. Latimer objeta. O seu impulso ainda é demasiado racional: ele não vê o criminoso como um homem, mas antes como «um elemento de um sistema social em desintegração». Todavia, as pessoas que ele encontra, que sabem muito mais do que ele acerca do misterioso Dimitrios, acham o seu raciocínio superficial: um chantagista cativante diz-lhe que os homens são como as ratazanas — toda a gente tem um impulso que se sobrepõe a todos os outros. Entretanto, o malévolo Peters diz a Latimer que achou um dos seus livros aterrorizante devido à sua «feroz retidão moral».

E, sempre nos bastidores, a questão da verdadeira identidade de Dimitrios. Grego, muçulmano, judeu? Nasceu nos Balcãs otomanos, em Salónica, em 1889, um tempo e um espaço de identidades instáveis, e explorou o caos da guerra e as insanas paixões nacionalistas dos estúpidos que o rodeavam para fazer uma pequena fortuna. «Traficante de drogas, chulo, ladrão, espião, escravagista de brancas, rufião e financeiro»: Dimitrios fora tudo isto. Faz-nos lembrar o vilão-mor dos pacifistas do período entre guerras mundiais, o negociante de armamento Basil Zaharoff, cuja rápida ascensão ao poder disfarçou a sua origem nebulosa. Em Paris, no clímax do livro, um Latimer abalado é confrontado com a realidade da sua época amoral. Além do Bem e do Mal, só existe lógica e consistência; além dos quartetos de Beethoven e do *David* de Miguel Ângelo, há o gás venenoso

e «os corpos despedaçados das crianças mortas no bombardeamento de uma cidade». A Europa é uma selva cujas regras são definidas pelo *Anuário da Bolsa* e o *Mein Kampf*.

A prosa de Ambler, tensa e cáustica, ainda choca. O seu estilo combina a precisão do químico e do engenheiro — duas profissões que admirava profundamente — com o instinto dramático que herdou dos pais, artistas de variedades na Londres eduardina. O facto de Ambler ter crescido num meio de classe média-baixa não teve nada de romântico, mas também não limitou uma imaginação alimentada pelas histórias atrativamente inquietantes de violência, guerra e terras longínquas com que os seus tios regressaram a casa em 1918. À medida que o talento de Ambler impulsionava a sua ascensão entre as guerras mundiais, o seu olhar penetrante descortinou a hipocrisia de um continente em queda. Ambler, cortês, mas sem ilusões, continua a ser um dos melhores guias para aquela década vil e desonesta, e é sem qualquer dúvida o mais agradável.

Mark Mazower, 2009

Mas a iniquidade do oblvio dispersou cegamente a sua papoila e trata a memória dos homens sem distinguir o mérito ou a perpetuidade... Sem o favor do registo eterno, o primeiro homem é tão desconhecido como o último, e a longa vida de Matusalém foi a sua única Crónica.

Sir Thomas Browne, *Hydriotaphia*